



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

CARLA JEANNE COSTA DA SILVA

**REVISITANDO MEMÓRIAS DE UM CORPO DANÇANTE: A IMPORTÂNCIA
DA DANÇA MOVIMENTAR A APRENDIZAGEM**

JOÃO PESSOA - PB

2022

CARLA JEANNE COSTA DA SILVA

**REVISITANDO MEMÓRIAS DE UM CORPO DANÇANTE: A IMPORTÂNCIA
DA DANÇA MOVIMENTAR A APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura
Plena em Pedagogia da Universidade
Federal da Paraíba como requisito à
obtenção do grau de Licenciatura em
Pedagogia.

Orientadora: Dra. Thaís Oliveira de
Souza

JOÃO PESSOA - PB

2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586r Silva, Carla Jeanne Costa da.

Revisitando memórias de um corpo dançante: a importância da dança movimentar a aprendizagem / Carla Jeanne Costa da Silva. - João Pessoa, 2022.
44f.

Orientação: Thaís Oliveira de Souza.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Autobiografia. 2. Dança. 3. Escola. 4. Aprendizagem. I. Souza, Thaís Oliveira de. II. Título.

UFPB/BS/CE

CDU 37:793.3(043.2)

CARLA JEANNE COSTA DA SILVA

REVISITANDO MEMÓRIAS DE UM CORPO DANÇANTE: A IMPORTÂNCIA DA
DANÇA MOVIMENTAR A APRENDIZAGEM

Aprovado em: 22/06/2022.

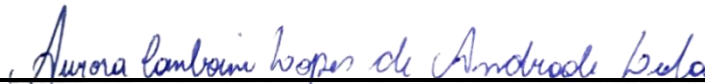
Banca examinadora



Presidente/Orientadora: Dra. Thaís Oliveira de Souza



Professora Examinadora: Ana Paula Romão de Souza Ferreira



Professora Examinadora: Aurora Camboim Lopes de Andrade Lula

*Ao meu filho João Pedro Deocleciano da Silva por desde
o início da formação acadêmica ser minha força e
motivação na busca de transformAÇÕES.*

*A minha querida “Lulu” Maria de Lourdes Silva (in
memoriam) por todas as palavras de incentivo, palavras
que permaneceram ao longo da caminhada e jamais serão
esquecidas!*

Louvada seja a dança,
Ela libera o homem
Do peso das coisas materiais,
Para formar a sociedade.
Santo Agostinho

AGRADECIMENTOS

Ao longo da construção desse corpo dançante, muitas são as memórias, lembranças e momentos proporcionados por todos aqueles que moldaram minha existência...

A Deus pela VIDA! Por ser o mestre dos mestres.

A “Painho e Mainha” Carlos Frederico Silva e Cláudia Jeanne Costa da Silva, por todo amor incondicional, como também, meu irmão Cássio Fred, por compartilhar das inúmeras experiências ao longo da formação.

A minha vovó Ceíça, por toda fé e segurança.

Ao meu esposo Matheus Deocleciano e filho João Pedro, por toda a paciência de suportar as diversas inconstâncias de humor nos momentos árduos durante a formação, agradeço por toda dedicação e cuidado gratuito que recebi durante todo o curso.

Aos meus familiares pela torcida de sempre em tudo que me propus a realizar, afinal, vocês são extras... Extraordinários!

Aos meus sogros Vilani e Damião e cunhadas Mayara e Nathália, por toda motivação.

A minha amiga Jekinha, por ser um presente das experiências compartilhadas na escola e que permaneceu na minha vida.

Aos profissionais Reubem Astrogildo, Christiana Costa (Kiki) e Itamar Santos, que se tornaram referenciais e amigos, pois fizeram parte do meu percurso dançante através das Bandas Marciais, na qual fizeram acreditar e ser testemunho da educação através da dança!

Aos profissionais Caroline Gomes (Tia Carol) e Walderez Carvalho (Wal), por despertar na prática o conceito que todo corpo dança!

A Francisca Arruda Ramalho, Marilene Alexandre Ribeiro, Marize Alexandre Ribeiro e Kadydja Menezes, por toda confiança depositada à frente na modulação de outros corpos, a todas minha eterna admiração!

A Tânia Montenegro por compartilhar sua criatividade, e assim partilharmos de ideias e ideais, nos tornamos cúmplices ao longo da vida!

A família Shalon por todo aprendizado, em especial minha xará “Carla”.

A Francisco Assis (Chico), por se fazer presente na formação escolar e acadêmica.

Aos profissionais que fizeram parte dos diversos momentos eternizados na

através da Dança e Educação.

A família Sanfona Branca por dar continuidade na evolução desse corpo dançante.

A Universidade Federal da Paraíba, por todo aprendizado, oportunidades e por todos os presentes em forma de pessoas.

A minha Orientadora Profa. Dra. Thais Oliveira, por permanecer nas minhas memórias desde sua primeira aparição no Componente curricular Corpo, Ambiente e Educação, algo que foi fundamental na formação, pois permaneceu na memória como referencial de profissional que busca promover uma educação de fato significativa. Gratidão pelo reencontro, por toda disponibilidade e carinho em forma de palavras.

A turma UFPB que aprendi a chamar de “minha”, agradeço aos colegas por todo acolhimento, contribuições, risadas e aprendizados. Em especial, Maria Sara, Marta Gabrielli, Bruna Santos, Anita, Leandro Gonçalves e Luana, a caminhada ficou mais leve com vocês e tenho certeza que com vocês viveria tudo novamente. Que venham tantas outras conversas do banquinho, da UFPB para a vida!

Aos meus exs, atuais e futuros corpos dançantes, que tive e terei oportunidade de compartilhar e construir memórias através desse corpo inacabado!

Minha eterna Gratidão!

RESUMO

Este estudo teve o objetivo principal refletir sobre a presença, ou ausência, da dança na escola, observando a sua importância como fonte de aprendizagens. Dessa forma, buscamos aspectos histórico-sociais que ressaltam a inserção da dança como uma ferramenta significativa no âmbito escolar. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa com fontes bibliográficas e biográficas, pois consistem em relacionar o suporte teórico com memórias e trajetória de vida, desde o início da vida escolar até a formação docente em pedagogia produzidas através da dança. Com isso, como fontes foram utilizadas: livros, artigos, vídeos, narrativas da própria história, observações e aplicabilidade de atividades norteadas pela dança. Este estudo é importante para compreender a importância das narrativas no processo de formação e ampliar a visibilidade e relevância da dança na formação dos sujeitos. Verificamos que nossa sociedade, mesmo com algumas mudanças ainda é regada ao poder de controle dos corpos e a dança apresentada de forma reprodutiva representa isso, algo que também vimos foi uma menor evidência da dança nas atividades dentro de sala de aula. Desse modo, o estudo também tem como propósito aproximar o contato com a temática, despertando o interesse dos docentes por atividades que tenham a Dança na sala de aula. Concluímos que a Dança contribui de forma significativa em nossas vidas, isso foi percebido desde as narrativas das experiências vivenciadas e consolidado nas transformações causadas por sua aplicabilidade na escola. Foi possível perceber que a inserção da dança na escola colabora para formação integral dos sujeitos, pois os tornam agentes ativos nos processos de desenvolvimento emocional, social e intelectual.

PALAVRAS-CHAVE: Trajetória. Autobiografia. Dança. Corpo. Aprendizagens.

ABSTRACT

The main purpose of this study was to reflect about the presence, or absence, of dance at school, observing its importance as a source of learning. Therefore, we searched for historical and social aspects that emphasize the insertion of dance as a significant tool in the school environment. This is a qualitative research with bibliographical and biographical sources, because it consists of relating theoretical support with memories and life trajectories, from the beginning of school life to the pedagogical training produced through dance. Thus, as sources were used: books, articles, videos, narratives of one's own history, observations and applicability of activities guided by dance. This study is essential to understand the importance of narratives in the formation process and to amplify the visibility and relevance of dance in the formation of subjects. We verified that our society, even with some changes, is still ruled by the power of body control and the dance presented in a reproductive way represents this. something we also saw was a minor evidence of dance in the classroom activities. In this way, the study also has the purpose of bringing the contact with the theme closer, arousing the interest of teachers for activities that have dance in the classroom. We concluded that Dance contributes significantly to our lives, as was seen in the narratives of the experiences lived and consolidated in the transformations caused by its applicability at school. It was possible to notice that the inclusion of dance in school contributes to the integral formation of the subject, because it makes them active agents in the processes of emotional, social and intellectual development.

KEY WORDS: Trajectory. Autobiography. Dance. Body. Learning.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2. 1 Breve história da dança	15
2. 2 O corpo na dança é um corpo que dança!	18
3 METODOLOGIA	23
3. 1 Sobre a pesquisa	23
3. 2 Campo de Pesquisa	24
4 RESULTADOS E ANÁLISE DE DADOS	27
4.1 Corpo e aprendizagem	27
4.2 “Espelho”: experiências com o corpo	29
4.2.1 Atividade espelho e seu reflexo na educação infantil	30
4.2.2 Atividade espelho e seu reflexo nos anos iniciais	32
4.2.3 Atividade espelho e seu reflexo na EJA	33
4.2.4 Atividade espelho e seu reflexo com as famílias	34
4.2.4 Atividade espelho e seu reflexo no ensino superior	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40
APÊNDICES	42

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo principal refletir sobre a presença ou ausência da dança na escola, observando a sua importância como fonte de aprendizagens. Diante disso, será contemplada a temática em uma abordagem qualitativa, com implicações da minha história com a dança, embasada a partir de reflexões de autores que pesquisam e trazem o entendimento das variadas concepções sobre amplitude da dança no âmbito escolar. Afinal,

O ensino da Dança deve ser levado em conta pela educação Escolar, pois a mesma tem uma amplitude que envolve de forma integral o físico, o psíquico, o intelecto e o emocional, sendo um conhecimento que pode estar presente em várias ações pedagógicas dialogando com os conhecimentos de outras áreas [...]. (ZANCHET; GONÇALVES, 2020, p. 132)

A temática da dança como fonte de aprendizagem e sua importância no âmbito escolar foi em mim¹ aguçada devido às experiências vivenciadas através da dança ao longo da formação escolar e acadêmica. Como aluna, as participações nas atividades extraclasses (bandas marciais, grupos de danças folclóricas e todas as outras atividades lúdicas) foram evidenciadas, sendo fundamentais na minha formação. A dança sempre esteve presente em minha vida, desde os 6 anos de idade nas escolas de dança (balé), em seguida inserida como componente nas atividades oferecidas pela escola de forma extraclasses (bandas marciais, grupos de jazz, danças folclóricas), atividades nas quais participei ativamente durante dez anos.

Logo depois, atuei como coreógrafa de Bandas Marciais de escola privada e pública de João Pessoa, outras experiências dançantes foram: mediadora de oficinas de dança em escolas particulares de João Pessoa, oficineira em projetos sociais, participante em grupos de dança de espaços não escolares e atualmente como brincante de quadrilha junina de João Pessoa. Portanto, a dança tem um papel significativo na minha vida, o que contribuiu para escolha e direcionamento do estudo. Foi através da dança que pude ter o contato com a educação e o que motivou a buscar o ingresso na universidade, afim de inspirar outras pessoas a enveredar pelo caminho apaixonante dessa arte.

¹ Peço licença para em determinados momentos utilizar a primeira pessoa do singular, já que este trabalho é desenvolvido considerando minhas vivências como pessoa dançante.

Na universidade, a possibilidade de fazer uso de tudo que permeia o campo da imaginação e criatividade consolidou meu interesse na ludicidade como uma prática facilitadora. Outro fator que contribuiu para escolha e direcionamento do estudo se deu após cursar o componente curricular Corpo, Ambiente e Educação, o que se tornou fundamental, pois pude através das atividades e referências utilizadas na disciplina, agregar a Dança e educação.

A universidade redirecionou a dimensão da dança como prática pedagógica, conforme Marques (2010), a linguagem da dança tem uma amplitude significativa de transformação social:

A linguagem da dança é uma área privilegiada para que possamos trabalhar, discutir e problematizar a pluralidade cultural em nossa sociedade. Em primeiro lugar, o corpo em si já é expressão da pluralidade. Tanto os diferentes biótipos encontrados no Brasil quanto a maneira com que esses corpos se movimentam, tornam evidentes aspectos sócio-político-culturais nos processos de criação em dança (MARQUES, 2010, p.37)

Na minha trajetória com a dança percebo como é presente o pensamento de Freire (1996) “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”, a educação através da Dança mudou a percepção do meu olhar aos diversos contextos encontrados na escola e de como é possível mudanças a partir de realidades inseridas. Associando o pensamento de Freire ao de Marques, é perceptível a oportunidade de mudar a sociedade por meio do trabalho com a Dança na educação.

Mesmo sendo a Dança uma reconhecida fonte de aprendizagens, pude perceber através das observações e experiências dentro do espaço escolar que ela é pouco utilizada como instrumento pedagógico, pois sua presença em algumas instituições, pelas quais passei se dá de forma reprodutiva e limitada a momentos pontuais (coreografia nos eventos escolares).

Na educação infantil, por ser um trabalho voltado à ludicidade e com as propostas da Base Nacional Comum Curricular - BNCC, a dança se tornou mais presente nos planejamentos e na prática pedagógica. No ensino fundamental (anos iniciais) a aparição da dança continua limitada, pois as professoras quase não a utilizam como forma interdisciplinar com os conteúdos, então sua integração às atividades é pouco promovida devido à demanda de outras atividades. Na Educação física a dança tem uma menor relevância, pois os profissionais priorizam o trabalho recreativo ou atividades esportivas.

Na modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos - EJA, com o público alvo composto por adolescentes e idosos, o acesso à dança é ainda menor, devido às questões relacionadas à diversidade de interesse da turma ou até mesmo o perfil encontrado, pessoas sedentárias ou esgotadas fisicamente, consequência da rotina diária de trabalho árduo (trabalho formal e afazeres domésticos). Mas, o que é preocupante diz respeito à unanimidade da padronização de corpos e preconceitos (gênero e idade) relacionados à dança encontrados, algo que em conjunto à falta de espaço na escola e a ausência de formação continuada específica sobre a dança, diminuem ainda mais a sua presença na escola.

Assim, com as contribuições das experiências vivenciadas nos estágios supervisionados, a perspectiva da pesquisa é observar a importância da Dança na Escola, como objetivos específicos de refletir sobre como se dá a presença ou ausência da dança nas escolas, analisar o corpo como linguagem e recurso, e desmistificar algumas questões de estereótipos que persistem no “mundo da dança”: corpos, estilos e gênero predominantes, aplicabilidade da dança de forma reprodutiva ou recreativa. E assim, relatar os inúmeros benefícios de nos tornarmos corpos dançantes, capazes de movimentar as aprendizagens.

Inicialmente, no primeiro capítulo irei trazer conceitos sobre a dança na escola, com embasamento na autora Isabel Marques, pedagoga com inúmeras contribuições na área de ensino da Dança. Para dialogar com Marques, trago também outros pesquisadores das áreas da educação, dança e artes.

No segundo capítulo, irei abordar um resgate de memórias pessoais como um corpo dançante que sou. Ao longo desse percurso irei relatar como era apresentada a dança na minha formação escolar trazendo de forma comparativa àquelas encontradas atualmente, como pude observar nas escolas que ministro oficinas de dança e nas experiências vivenciadas nas escolas dos estágios. Logo depois, o capítulo III será voltado para a discussão sobre o Corpo, no qual é abordado o papel fundamental que ele exerce na educação, na aprendizagem através dos movimentos e experiências sensoriais.

Por fim, trazendo mais elementos para a discussão, relatarei a experiência com a atividade “Espelho”, uma atividade corporal aplicada tanto no ensino superior, em atividade do componente curricular: Corpo, Ambiente e Educação, quanto em etapas da Educação Básica como: Educação Infantil, Ensino Fundamental e EJA. Essas experiências foram adquiridas através das atividades de campo dos estágios supervisionados: Estágio Supervisionado - Educação Infantil, Estágio Supervisionado

III - Ensino Fundamental e Estágio Supervisionado - EJA. E assim, apresento as minhas considerações finais sobre esse percurso dançante em diferentes escolas e contextos e exemplificando suas contribuições nas distintas modalidades de ensino.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na pesquisa serão apresentadas perspectivas sobre a dança, partindo do conceito cultural (ARANTES, 1998), sua origem e história (VARANDAS, 2012, LANGENDONCK, 200?), conceituação sobre o corpo e sua diversidade (BORGES, 2018), e dentre os autores trazemos Marques (2010) que faz um importante diálogo sobre as ideias de corpo, dança e educação.

2. 1 Breve história da dança

A Dança está presente em nossas vidas, essa relação é indissociável! A dança é cultura, manifestação artística, expressão, comunicação e sentimentos. A dança faz parte de nossa história, o ato de dançar em seu contexto histórico assim, como o ser humano, passou por evoluções desde sua origem, prática e praticantes. É um produto cultural, pois segundo Arantes (1998), cultura:

[...] implica em reconstituir em sua totalidade o modo com os grupos de representam as relações sociais os definem enquanto tais, na sua estrutura interna e nas relações com outro grupo e com a natureza nos termos a partir dos critérios de racionalidade desse grupo. (ARANTES, 1998, p. 34-35)

Nós seres humanos, enquanto sociedade, passamos por diversos processos baseados no tempo cronológico dos acontecimentos, na necessidade exigida por cada momento, como também, o grupo inserido. Passamos por processos de evolução, modificação, adequação e resignificação e a dança seguiu o mesmo percurso, pois:

Antes mesmo de o homem falar, ele dançou. Dançou para se manifestar, para se comunicar e para se expressar. Dançou para a beleza física, para a guerra, para a educação, para a fertilidade da terra e da sua própria espécie. Dançou em falecimentos, casamentos, nascimentos e dançou para os deuses para pedir sol ou chuva. (VARANDA, 2012, p. 124)

Portanto, a dança exerce um papel maior do que às vezes lhe é atribuído, pois tem influência em muitos discursos e significações nos campos social, político e econômico (MARQUES, 2010), daí a importância de conhecermos um pouco da sua história para entendermos a origem de algumas reproduções encontradas até os dias atuais.

Partindo das contribuições de Rosana Van Langendonck (200?) sobre a história da dança, é possível acompanhar todo o percurso da dança ao longo do tempo: Dança primitivas, dança milenares, dança moderna, dança neoclássica e dança contemporânea.

Nas Eras Paleolítica e Mesolítica (9000 e 8000 a.C.) e Período Neolítico (6500 a.C), encontrávamos as Danças Primitivas, a dança assumia um papel importante nos rituais relacionados a necessidade de sobrevivência (caça e pesca), como também, uma forma de festejar as conquistas da agricultura e pecuária, pois acreditavam que a dança, até então praticadas por homens das cavernas eram capazes de “sintonizar com o ritmo da natureza, auxiliando-o na programação de suas ações.” (LANGENDONCK, 200? p.3). Ainda de acordo com a autora mencionada, logo depois, teremos as Danças Milenares, agora nesse período a dança passa a ter um caráter religioso, no qual tinham como primordial a homenagem aos Deuses, no Egito, na Índia, a invocação de Shiva (o Deus da dança), já na Grécia “A dança era muito valorizada entre os gregos. Para eles, o ideal de perfeição estava na harmonia entre corpo e espírito, que deveria aparecer em um corpo bem moldado, adquirido graças ao esporte e à dança.” (LANGENDONCK, 200? p.5).

Segundo Varanda (2012, p.125) “Na Idade das Trevas ou Idade Média a doutrina cristã [...] era contra a dança, mesmo que fosse a dança religiosa e mesmo que numa determinada época fosse renegada num outro momento”, ainda nesse período, Van Langendonck traz outros marcos para esse período que:

[...] é marcado pela peste negra e outras doenças epidêmicas que assolaram a Europa, causando muitas mortes. As pessoas, desesperadas, dançavam freneticamente para espantar a morte. Essa dança ficou conhecida como dança macabra ou dança da morte. (LANGENDONCK, 200? p. 6)

A dança carrega características e como (ROCHA; BUARQUE, 2020, p.76-77) diz o que é “executado hoje de determinada maneira, é porque por trás [...] se esconde todo um passado de uma sociedade que moldou, através do seu corpo, a sua própria história”. É relevante a preservação dos registros que garantam o acompanhamento da historicidade da dança, pois:

Por exemplo, se formos pensar no ballet, a dança da corte, até hoje ele carrega em seus próprios movimentos e histórias que se encaixam com a realidade da época. Reis e rainhas viram primeiros bailarinos, membros da corte viram corpo de baile, a elegância e o perfeccionismo tomam conta dos movimentos, espetáculos pensados

para palcos italianos, técnicas pautadas em corpos europeus e no virtuosismo. Através destas características dos estilos de dança, se revelam passados históricos e marcas de uma sociedade. (ROCHA; BUARQUE, 2020, p. 78)

Além disso, associamos as vertentes de riqueza e poder que são presentes na dança clássica de forma elitizada e hierárquica. Muitos outros fatos históricos estão presentes nesse período da dança clássica, o coreógrafo Pierre Beauchamp criou as posições do balé que direciona os movimentos de pés, mãos e cabeça e são base até os dias atuais (LANGENDOBACK, 200? p. 8). Outro aspecto interessante é sobre a possibilidade da dança ser praticada por ambos dos sexos “O homem, considerado figura principal na dança do século XVIII, passa a ocupar um lugar subalterno no princípio do século XIX. A mulher foi elevada a uma esfera sobre-humana e o homem deixou de ser herói e se limitou a elevar a mulher, quando necessário.” (LANGENDOBACK, 200? p.18)

A dança é produto do meio social, ficam evidentes as mudanças encontradas na sociedade a partir de suas experiências, como podemos perceber a Dança Moderna acompanha essas transformações, mesmo composta de algumas formas já estruturadas na dança clássica. A proposta na dança moderna é a execução de movimentos mais livres com uma concepção mais ampla da dança. A dança moderna tem como um importante nome Isadora Duncan que segundo MARQUES (2010, p.112) proporcionou a ruptura com até então “masoquismo dos pés sangrando dentro das sapatilhas de pontas”. É trazer a dança como manifestação da subjetividade, é trazer de fato a expressividade e a comunicação através do corpo, é possibilitar a dança. É promover a ruptura de “corpos ideais” para dança.

Na dança neoclássica, segundo Marques (2010) tem como referencial o coreógrafo Cunhamning, que em sua visão, nas mudanças da sociedade, nos tornamos reféns da cultura midiática, o que inibe os verdadeiros almejos dos envolvidos, encontramos em suas composições o desprendimento de todo ou qualquer interferência (som, palco ou outros), o que fez dele um grande nome para a dança contemporânea.

A dança contemporânea traça o caminho para uma dança desprendida de julgamentos, e que todo corpo pode dançar, com intuito de não mais seguir “modelos”, muito menos se vestir de padrões pré-existentes na sociedade, traz a proposta de pensar a dança como algo pertencente de cada indivíduo, com sua bagagem cultural atrelada ao seu corpo, pois:

A Dança Contemporânea traz consigo a inclusão em seu próprio conceito, na medida em que destaca e valoriza o que é próprio de cada um e torna essa singularidade em repertório artístico. A diferença é destacada pela experiência, e ela desconstrói conceitos de corpo, beleza e da própria dança. (AZEVEDO, 2020, p. 307)

Ao longo de todas essas “fases” da Dança é encontrada uma construção de estereótipos dançantes, uma padronização re/criada que findam por normatizar e dar continuidade de forma reprodutiva (mesmo que de forma imperceptível), principalmente com relação aos corpos, que segundo (MARQUES, 2010, p. 27) “o ideais de corpos para aqueles que dançam (magreza, flexibilidade, juventude), ainda estão muito presentes em nossa sociedade”.

Portanto, mesmo com a definição por (Vieira, 2020, p. 12), onde “a dança está implicada em um conhecimento do corpo e do movimento que favorece a coexistência do encontro consigo mesmo e com o outro”. Vivemos na sociedade repleta de diversidades e que em algumas situações é perceptível um retrocesso, no que se diz respeito ao preconceito. Na dança também encontramos o que distorce o conceito acima citado, pois como atuante no “mundo da dança”, pude presenciar como também vivenciar muitas situações que em breve irei relatar como forma trazer significados a discussão, pois me fizeram perceber que muitos das indagações era em torno do instrumental primordial para a dança, o Corpo! Daí a necessidade de observar como é a relação Corpo e Dança. Afinal, todos os corpos dançam?

2.2 O corpo na dança é um corpo que dança!

O corpo se torna parte de nossa identidade, através de nossas ações, é um canal de comunicação, pois é capaz de transmitir mensagens diante de distintas situações, dentre elas na dança, o que segundo Marques (2010, p. 38) “diversos estilos e gêneros de dança em nossa sociedade estão atrelados aos corpos que os interpretam ou deveriam interpretar”, daí a relevância da presença do corpo na dança, e quão é protagonista, pois cada corpo carrega sua identidade, suas “marcas” na construção desse corpo, pois:

O corpo é produto da cultura, imprime suas marcas no sujeito que, ao longo do tempo, tem sofrido mudanças de concepções através de

adequações políticas econômicas e religiosas que sedimentam, muitas vezes, um tipo de compreensão do corpo como objeto de controle, pecado e submissão. [...] a necessidade de dominar o corpo colocou o homem um ser moldável. (CAVALCANTE, 2020, p. 185)

Dessa forma, se torna pertinente pensar que o corpo na dança é o instrumento de execução e representação, então, se é pelo corpo que a dança acontece, então, entendemos que todos os corpos deveriam se sentir pertencentes à dança, o que difere do que encontramos, pois convivemos com a padronização de forma seletiva e excludente para alguns corpos. Essa postura de dominação dos corpos transforma a dança em uma forma reduzida e fragmentada, que despreza a diversidade de corpos e suas contribuições culturais. Como coloca Borges (2018),

Cada corpo tem sua dança e é infinitamente pessoal. Logo não são corpos iguais, muito menos universais, pois são construídos de memórias, de registro de vida, expressão cultura, genética onde o esqueleto, o arcabouço corporal, como pele, forma, tecido está diretamente implicada na relação corpo-ambiente. (BORGES, 2018, p. 27).

Nesse contexto, a necessidade de romper com os preconceitos encontrados da idealização de corpos dançantes, afinal ao definir um perfil de corpo dançante desconsideramos a especificidade de cada corpo mencionada pela autora. Quando pensamos no padrão esperado de um corpo “bom” para dança, logo o perfil traçado é um corpo: que sabe dançar, flexível, branco, alto, magro, jovem, maioria meninas e com uma boa relação com meio cultural, e com danças pensadas para uma elite (padrão das bailarinas clássicas).

Mas o que encontramos são preconceitos que não acompanham a contemporaneidade, segundo Marques (2010),

Um dos preconceitos mais fortes em relação à dança na sociedade brasileira diz respeito ao gênero. Dançar em uma sociedade machista como a nossa ainda é sinônimo de “coisa de mulher”, “efeminização”, “homossexualismo”. [...] Assim, relacionar-se com o corpo, o sentir, emocionar-se, intuir, ter prazer são características humanas muitas vezes inaceitáveis em uma sociedade machista e logocêntrica como a nossa. (MARQUES, 2010, p. 39-40)

Vemos com a citação acima questões que são da realidade sobre corpos na dança, os preconceitos reproduzidos na dança limitam a participação de algumas pessoas, por ter o corpo como determinantes para não dançar, como Marques (2010)

descreve a leitura desses corpos:

São nossos corpos que primeiramente indicam a que etnia pertencemos (cor de pele, estrutura óssea, formato dos olhos, da boca e nariz e são eles que, em muitos casos “determinam” se “podemos” ou não dançar e também o que “podemos” dançar (MARQUES, 2010, p. 40)

Há de ressaltar um menor quantitativo ou até mesmo a ausência de corpos negros no balé clássico, como também, limitar corpos negros a dançar alguns estilos de dança que sejam associados aos que os seus corpos representam para sociedade, não que seja importante à representatividade histórica, mas o que é proposto é um “intercâmbio” de culturas, através dos corpos e estilos de dança e não uma prevalência de separação desses corpos.

Marques (2010, p.41) traz “outro aspecto ainda forte no cenário social brasileiro associado à dança e ao corpo é o aspecto da “eterna juventude”, ou para se aprender dança”, algo que repercute até os dias atuais nos espaços escolares e não escolares há uma limitação do corpo idoso na Dança.

Ainda sobre as colaborações de elencar preconceitos, poderíamos citar outro bem acentuado no que diz respeito à inclusão de corpos:

[...] diretamente relacionado ao corpo, à dança e à pluralidade cultural encontra-se na valorização da participação de indivíduos portadores de deficiência [...] pela dança. [...] Não necessitamos de um corpo “perfeito”, segundo os padrões sociais, para podermos nos expressar e nos comunicar dançando. (MARQUES, 2010, p. 43)

Através de um canal no Youtube (2019), a influencer Luiza Junqueira relata sobre essa pluralidade, a partir do momento que define o corpo como um lugar infinito de aprendizagens, vivências, emoções, sentimentos, prazer e expressão. Para Luiza Junqueira o corpo é um instrumento inteligente, a influencer através de suas vivências narra os preconceitos que encontrou na aceitação do seu corpo como um corpo que dança, Junqueira faz apontamentos sobre o bloqueio do corpo, por vergonha de mover-se, pois tinha a estética pré-estabelecida e um corpo definido para dançar, que segundo ela não condizia com o seu corpo. Junqueira explica que a partir do momento que ela se permitiu sentir conhecer e aceitar o seu corpo, se tornou o determinante para se tornar corpo dançante, pois é pensar como Borges (2018, p. 30) no qual o “reconhecimento da

diversidade como condição para saber de si e do mundo”.

Luiza Junqueira entendeu que o seu corpo “falava”, e a partir do momento do permitir/sentir o corpo, seu olhar e entendimento mudou e ampliou seu olhar e participação na dança. No seu canal, em entrevista com Fernanda Amaral, coreógrafa e diretora da Companhia Dança sem Fronteiras explica que cada corpo tem representatividade e todos tem potencialidade na dança, ou melhor, a coreógrafa traz que cada corpo tem sua dança, algo que assemelha ao pensamento de Borges (2018, p. 33) “é um corpo vivo sem separações, onde as informações da vida não atravessam, passam, elas são processadas juntamente com todas as informações que este corpo possui”.

Sales (2020, p. 22) comenta, “A experiência também é compreendida enquanto memória do corpo, um corpo vivido, vivo, indivisível, que carrega consigo suas marcas e trajetórias.” E assim, do meu lugar como corpo dançante, muitos dos preconceitos mencionados anteriormente por Marques (2010) estiveram presentes na minha trajetória com o corpo e a dança. Algumas das situações “positivas” se referiam ao ter destaque e atenção nas aulas e apresentações de dança, por apresentar uma flexibilidade exigida e um corpo magro e ideal, como padrão de beleza imposto pela sociedade.

Através do fator tempo pude reverter essas posições de destaque para experiências “negativas”, pois o corpo mudou e depois por apresentar um corpo fora do padrão estabelecido, percebi que a maternidade é tida como ponto negativo na dança (pela mudança do corpo), outro elemento relacionado ao fator tempo foi com relação à idade. Na trajetória como pessoa, estudante e profissional, fui questionada por incluir meninos na dança (inclusive meu filho), críticas por motivar e escolher corpos fora do padrão esperado para apresentações ou de trabalhar com pessoas com limitação física ou mental, o que só fez despertar e aguçar o pensar na diversidade e respeito à pluralidade dos corpos através da dança.

Segundo Borges (2018, p. 34), “o corpo se relaciona com o ambiente em tempo real, trocando sensações/ informações”, com isso, a ideia de sermos corpos inacabados, pois a todo tempo estamos a vivenciar e trocar experiências que irão compor mais uma parte desse corpo. O que se evidencia é a necessidade de mudanças, pois se as pessoas pouco conhecem e respeitam seus próprios corpos, como esperar o respeito com os outros corpos, o olhar para o corpo deveria acompanhar as mudanças encontradas na contemporaneidade.

Portanto, a dança permite a exploração positiva desses corpos como forma de

“extrair” desenvolvimento e “romper” paradigmas. Afinal, um corpo na dança é um corpo que dança!

3 METODOLOGIA

3.1 Sobre a pesquisa

Com o objetivo de refletir sobre a ausência e a presença da dança nas escolas, a fim de entender sua importância no ambiente escolar, o presente estudo organiza-se em seu percurso metodológico como sendo uma pesquisa de abordagem qualitativa com fontes bibliográficas e biográficas. Acerca da abordagem qualitativa, segundo Sampieri; Collado; Lucio (2013, p. 30): “[...] o foco da pesquisa qualitativa é compreender e aprofundar os fenômenos, que são explorados a partir da perspectiva dos participantes em um ambiente natural e em relação ao contexto”.

No que diz respeito às contribuições das fontes bibliográficas Sampieri; Collado; Lucio (2013, p.382) dizem “Auxiliar em definições, assim como justificar e documentar a necessidade de realizar o estudo”.

A pesquisa utilizada também requereu fontes biográficas por aproximar ao processo da pesquisa através das experiências, pois Segundo Souza (2007, p. 69),

[...] abordagem biográfica o sujeito produz um conhecimento sobre si, sobre os outros e o cotidiano, revelando-se através da subjetividade, da singularidade, das experiências e dos saberes. A centralidade do sujeito no processo de pesquisa e formação sublinha a importância da abordagem compreensiva e das apropriações da experiência vivida, das relações entre subjetividade e narrativa como princípios, que concede ao sujeito o papel de ator e autor de sua própria história. (SOUZA, 2007, p. 69),

A temática por si já define a pesquisa pelo perfil autobiográfica, pois irá trazer memórias da pesquisadora desde o processo de formação escolar para compreender sua formação da identidade profissional, e Souza (2007), nos relata que :

No âmbito da história da educação as pesquisas (auto) biográficas tem apresentado contribuições férteis para a compreensão da cultura e do cotidiano escolar, da memória material da escola e se apropriado das escritas (auto) biográficas, das narrativas de formação, como testemunhos [...] (SOUZA, 2007, p. 70).

No que diz respeito aos procedimentos, o presente estudo buscou de dados para solucionar questionamentos pertinentes para pesquisa, foi realizado um levantamento bibliográfico com embasamento teórico para conceituar a dança desde sua origem

Langendonck (200?), ensino da dança Marques (2008, 2010), e outros estudos que pudessem ampliar concepções sobre temática, a pesquisa traz também uma reflexão acerca da narrativa de vivências e experiências na formação pessoal e profissional.

Buscamos referências que trouxessem para o trabalho a óptica dança na pedagogia, estudos que permeiam a análise da relação entre o corpo e educação. Como um dos nomes mais citados foi o trabalho da pedagoga, mestre em dança, a professora e bailarina Isabel Azevedo Marques, o que trouxe significação para pesquisa, por utilizar em suas obras, assim como nessa pesquisa, sua história de vida, o que consolida a fala de Souza (2007), no qual:

A pesquisa com histórias de vida inscreve-se neste espaço onde o ator parte da experiência de si, questiona os sentidos de suas vivências e aprendizagens. A escrita da narrativa abre espaços e oportuniza, às professoras e professores em processo de formação, falar-ouvir e ler-escrever sobre suas experiências formadoras, descortinar possibilidades sobre a formação através do vivido. (SOUZA, 2007, p. 69).

Posteriormente, o trabalho busca nos conceitos sobre o corpo definidos por Borges (2018) e Le Breton (2007) trazer elementos que fundamentem a importância do corpo na sociedade e analisar a possibilidade do uso do corpo em sala de aula, através da atividade corporal “espelho”, aplicada no campo dos estágios supervisionados: Estágio Supervisionado - Educação Infantil, Estágio Supervisionado III - Ensino Fundamental e Estágio Supervisionado - EJA ,como também, com famílias e no ensino superior, que trouxeram relatos significativos de direcionamento do trabalho com a dança, a partir da realidade encontrada no âmbito escolar.

3.2 Campo de pesquisa

Ingressei na Universidade Federal da Paraíba, no curso de Pedagogia no ano de 2016 devido a esse olhar direcionado a contribuir na formação dos alunos (as), acreditando na dança como um instrumento mediador de práticas pedagógicas, que facilitem e estimulem a construção do conhecimento e contribuição na formação de sujeitos pensantes, críticos e protagonistas na sociedade. Mas, como a pesquisa diz para chegar até aí é necessário “revisitar memórias de um corpo dançante”, corpo esse chamado Carla Jeanne Costa da Silva.

Na trajetória de escolarização estudei em escolas particulares da cidade de João Pessoa-PB, nas quais marcaram o início e consolidação na construção desse corpo dançante. Fui muito ativa em atividades ligadas ao corpo e sua movimentação, frequentei na infância escolas de dança, mas foi nas escolas que realmente pude ter uma maior experiência com a dança, através da participação nas Bandas Marciais, Grupos folclóricos, Jazz, entre outras atividades oferecidas como atividades extraclases (fora da sala de aula), as atividades eram realizadas ao término das aulas ou no contraturno .

Mesmo oferecidas de forma “separada” ao trabalho em sala de aula, as atividades extraclases foram fundamentais na minha formação emocional, intelectual, social e profissional. Os profissionais mediadores das atividades contribuíram de forma significativa com conteúdos pertinentes ao nosso desenvolvimento, pessoas que se tornaram presentes nas memórias e assim referenciais de minha formação docente.

Através das atividades pude frequentar diversos e distintos espaços, ora por meio das participações (apresentações), ora apresentações aconteciam nas escolas (eventos e atividades alusivas), como também, em outras escolas, bairros, cidades e estados. Portanto, vivíamos na íntegra a diversidade de culturas, pois cada integrante trazia consigo sua “bagagem” cultural. Através dos encontros de Bandas Marciais, desfiles cívicos dos bairros de João Pessoa, encontro de grupos folclóricos, Mostra de danças, semana de artes das escolas, entre outros eventos, foi o que tornou possível por em prática de forma colaborativa o que era desenvolvido através da atividade extraclasse.

As aprendizagens ali compartilhadas foram fundamentais para despertar o interesse pela continuidade de vivenciar e proporcionar experiências parecidas para outras pessoas. Ao término dos estudos me vi com a oportunidade de agora me tornar esse referencial que tanto vislumbrei e assim a dança me escolheu.

Desde o ano de 2004, atuei como coreógrafa função definida por Marques (2008, p. 103), como “criador, escritor da dança. A ele cabe organizar os movimentos que serão dançados por outros corpos que não o seu”, inicialmente a atuação coreográfica aconteceu nos espaços escolares (escolas privadas) que estudei e no bairro que residi, com crianças e adolescentes, logo depois, outras oportunidades apareceram para atuar com a dança. Ministrei aulas de dança em outras escolas particulares agora com crianças (meninas) na faixa etária (3 a 10 anos), depois assumi como coreógrafa de Bandas Marciais de escolas públicas de João Pessoa, no qual o público alvo era voltado para crianças e adolescentes .

Outras experiências foram de grande valia nesse processo, por exemplo, exercer

o papel de auxiliar administrativo no espaço escolar, foi algo que de fato ampliou o olhar de atuação na educação, pois fez conhecer como funcionava a escola. Outras atuações como oficina de dança em espaços não escolares ONGs e projetos sociais, grupos de dança da igreja e brincante de quadrilha junina profissional de João Pessoa, fizeram com que concretizasse despertar o interesse pelo estudo da dança como linguagem social e política.

4 RESULTADOS E ANÁLISE

4.1 Corpo e aprendizagem

Se pensarmos em recursos que possam facilitar a aprendizagem, é perceptível a importância do corpo nas atividades propostas com ênfase na ludicidade. Como já sabemos o lúdico envolve música, brincadeiras, jogos, dança, enfim, tudo que possa de fato movimentar de forma significativa as aprendizagens. Percebemos que o corpo exerce um papel atuante no desenvolvimento de todas essas movimentações, pois:

[...] o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída: atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, [...] ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência [...], técnicas do corpo, exercícios físicos [...]. (LE BRETON, 2007, p. 7).

É inevitável, portanto, não pensarmos no corpo instrumento protagonista na educação e de como a sociedade também colabora no seu desenvolvimento que de certa forma reflete na escola, percebemos isso se analisarmos o que nos diz Le Breton (2007, p.16) “corpo que, de fato, não é pensado somente do ponto de vista biológico, mas como uma forma moldada pela interação social”.

Pensamos da escola e as possibilidades na contribuição e construção desse molde de forma que ele venha a ser um corpo que fará a diferença na sociedade através de suas propostas, que promovam, segundo Marques (2008, p. 95), “a percepção/olhar compartilhado em sala de aula faz com que nossas próprias sensações e experiências sejam iluminadas de uma outra maneira, gerando, por sua vez, outro tipo de relações internas com nosso próprio corpo/movimento.”

As escolas devem promover a interação social dos educandos, para assim, desenvolver a aprendizagem, com relevância à presença do corpo e as infinitas contribuições no processo de suas habilidades já existentes, do mesmo modo que, a possibilidade de adquirir novas por meio da interação dos corpos sem estenotipá-los.

Le Breton (2007) traz concepções importantes sobre isso:

Em nossas sociedades, por exemplo, tanto a menina como o menino podem ser educados conforme uma predestinação social que, de antemão, lhe impõe um sistema de atitudes que corresponde aos estereótipos sociais. (LE BRETON, 2007, p.67).

O que Le Breton traz nos faz refletir sobre o que encontramos na nossa sociedade e especificamente nas escolas, pois através da reprodução de práticas que alimentam a manutenção desses estereótipos a partir do que observado no comportamento de alguns docentes que também sofreram influência do seu processo de escolarização e que repercute através de suas práticas.

Algo que é normatizado no espaço escolar é a separação dos corpos desde o espaço físico, no qual o pensamento é que os meninos se adaptam em qualquer lugar por seu corpo “suportar” mais adversidades, já as meninas são destinadas aos locais que apresentem um maior conforto por ter associado ao seu corpo a questão da “fragilidade” (ambos os pensamentos sociais), outra divisão encontrada é com relação às brincadeiras, muitas das vezes pensadas não para corpo em sua completude, e sim especificamente para o corpo de menina e de menino, dessa forma, encontramos brincadeiras sugeridas e impostas às crianças a partir do seu gênero.

Na dança é ainda mais intensa a divisão dos corpos, temos exemplos desde o estilo de dança que os sujeitos “podem” participar, por exemplo, meninas dançam balé e meninos hip-hop, os corpos são estipulados a movimentações que diferencie os meninos das meninas, no qual meninos não “devem” fazer movimentações com os quadris, o que limita a interação desses corpos de forma para que possam “modular os contornos de seu universo e a dar ao corpo o relevo social que necessita, oferecer a possibilidade de construir-se inteiramente como ator do grupo de pertencimento”. (LE BRETON, 2007, p.9).

Outro elemento a ser destacado é o distanciamento dos corpos, há uma separação no ambiente escolar a partir da formação de filas, o distanciamento das cadeiras, daí percebemos como é forte a separação desses corpos.

O corpo é o nosso foco, por ele seremos capazes de extrair o melhor de cada educando, é pensar o corpo para desenvolver, a coordenação motora e assim desenvolver na escrita, é pensar no corpo para trabalhar a diversidade cultural, é pensar no corpo para trabalhar a socialização, enfim, é pensar no corpo e como ele se apresenta para nós. E assim, trabalhar nesse corpo a dança, conforme Marques (2008):

[..]que o trabalho com dança em situação educacional baseada no *contexto* dos alunos seja o ponto de partida e aquilo a ser construído, trabalhado desvelado, problematizado transformado e desconstruído em uma ação educativa transformadora [...].(MARQUES, 2008, p.94).

A seguir traremos uma experiência corporal, trabalhada pela pesquisadora em diversos momentos de sua trajetória como aluna, monitora e professora em dança.

4.2 “Espelho”: experiências com o corpo

Rudolf Laban, coreógrafo e dançarino, em seus estudos desenvolveu trabalhos e técnicas embasadas na ruptura de movimentos “engessados” na dança, segundo Marques (2008, p. 83), “Para ele, a criança e o adolescente deveriam ter a possibilidade de explorar, conhecer, sentir e expressar sua subjetividade enquanto dançam”. A atividade Espelho tem como objetivo proporcionar aos corpos em diferentes espaços, idades e contextos, a oportunidade de se movimentar, algo que Marques (2008) enfatiza como:

[...] *universalidade* de movimento: como seres humanos, todos teríamos a capacidade biológica de mover nossos corpos expressarmos criativamente nossos sentimentos e idéias através deles. (MARQUES, 2008, p. 83)

Com isso, a atividade Espelho é pensada para mover esses corpos de forma que os sujeitos percebam a importância do olhar para seu corpo, como também os corpos ao seu entorno. A atividade segue o seguinte cronograma:

- Promover oralmente uma roda de conversa sobre a valorização no nosso corpo, e as experiências já vividas pelos corpos destinados à participação da atividade;
- Dispor os corpos no espaço da atividade, de forma que tenham espaço para realizar os movimentos;
- A facilitadora solicita que todos os corpos fiquem de frente para o seu, e faz a associação do espelho e seu reflexo, no qual os corpos (que já estão à frente) realizam os movimentos executados pela mediadora;
- A mediadora executa movimentos com braços, pernas, cabeça, mãos, quadril e logo depois expressões faciais e os corpos que estão de frente buscam reproduzir ao mesmo tempo;
- Separar o grupo em duplas e colocá-los um de frente para o outro (simulação de uma pessoa se olhar no espelho);

- Propor que os corpos (dupla) se observem e a mediadora faz questionamentos sobre a diversidade dos corpos;
- Na dupla, direcionar quem será o espelho (a pessoa que irá reproduzir o movimento) e quem irá pensar nos movimentos a serem executados;
- Em seguida, mencionar que a dupla irá de movimentar sem comunicação verbal (apenas com o corpo), deixar os corpos se movimentarem de maneira livre acompanhando o corpo e seu espelho;
- Trocar as posições, o corpo que fez o espelho (reproduzir) agora terá que criar o movimento;
- Ao término, propor uma conversa sobre os sentimentos de como se via no corpo do outro e de como se sentiam.
- Obs.: A atividade segue o cronograma, mas com adaptações nas mediações das conversas com cada grupo destinado.

Assim, a atividade “Espelho” foi realizada dentre os espaços (CREI, escolas públicas, universidade), a experiência proporcionou analisamos que cada local e grupo destinado, apresentaram percepção, tempo e ações distintas, porém, todas foram exitosas quanto ao objetivo que foi ter a dança como linguagem e aliada na educação.

Ao reportar os movimentos executados pelos corpos durante a atividade Valendo-nos dos conceitos de Laban trazidos por MARQUES (2008) “Ele defendia um ensino de dança no qual o ser humano pudesse explorar de maneira livre suas capacidades “espontâneas e inatas” de movimento no espaço.” (MARQUES, 2008, p.84).

Portanto, cada público apresentou seu tempo, criatividade, espontaneidade, interpretação, enfim sua verdade. As atividades analisadas nesta pesquisa, como já explicitado neste texto, foram e aplicadas em espaços escolares e não escolares ao longo de experiências como coreógrafa e estagiária no curso de Pedagogia.

4.2.1 Atividade espelho e seu reflexo na educação infantil

Por se tratar de crianças, a atividade foi aplicada em diversos espaços escolares, mas que a análise irá se deter na experiência vivenciada no ano de 2020, por meio do Estágio Supervisionado - Educação Infantil, no Centro de Referência em Educação

Infantil - CREI de João Pessoa, com aproximadamente 20 crianças. Na Educação Infantil a atividade foi realizada de forma lúdica, no formato de uma brincadeira, pois através da brincadeira as crianças desenvolvem melhor suas habilidades a partir do momento que interage com o outro.

Ao primeiro momento as crianças teriam que “imitar” a mediadora a fim de entender a dinâmica da atividade. Em seguida, as crianças eram divididas em pares e dispostas uma de frente para outra e assim orientadas a brincar de espelho com o colega, um se movimenta de maneira livre e o outro reproduz de imediato, logo depois, a brincadeira inverte as posições, agora o que representou o espelho (reflexo) conduz os movimentos dessa vez.

Observamos na execução da atividade que as crianças realizavam de maneira prazerosa e espontânea os movimentos. Por meio do corpo desenvolveram representações que simbolizavam os movimentos dos animais, como também, expressões faciais (caretas) e outras possibilidades como: saltos, giros, cair, levantar, rolar. Para finalizar, as crianças puderam se movimentar de maneira livre e criar seus próprios movimentos, isso facilitou a socialização entre as turmas. Algo evidenciado ingenuidade por parte dos participantes, o que torna a realização da atividade mais fluida, mesmo cada criança com sua personalidade e seu jeito de ser.

Identificamos algumas crianças tímidas e retraídas, o que as fez neles ter uma maior dificuldade na realização dos movimentos ou até mesmo recusarem a participar no início, demonstraram interesse em ficar apenas na observação mesmo o corpo apresentando o querer estar na atividade (alegria e movimentações), algo que com a intervenção dos colegas foi alcançada a participação.

No estágio foi desenvolvido um plano de atividades lúdicas com o objetivo de construir valores do autoconhecimento, reconhecimento das diversidades e protagonismo infantil, através dança. E o resultado foi exitoso ao observar, que através da atividade “Espelho”, as crianças puderam explorar as diversidades, aguçar o olhar sobre o corpo através da própria observação no brincar de criar/recriar seus corpos nos corpos dos colegas. A aplicação da atividade gerou primeiramente o prazer por realizar a atividade sem cobrança, já que resgatou a alegria do brincar (característica da criança), por alguns momentos voltei no tempo e fiquei na mesma idade dos participantes, algo que proporcionou o encantamento sobre a dança na educação infantil.

4.2.2 Atividade espelho e seu reflexo nos anos iniciais

No que se refere à variável da atividade, visto que aplicação seguiu com os mesmos critérios da proposta de simular movimentos em grupos e pares, a atividade foi realizada no ano de 2022, através da experiência no Estágio Supervisionado III - Ensino Fundamental, a turma com quantitativo de aproximadamente 18 crianças. A atividade apresentou mudanças quanto à execução, pois as crianças já apresentam muitas características de suas construções sociais, portanto apresentam os preconceitos relacionados ao corpo dançante.

Vivemos na “era digital” e que nessa faixa etária as crianças tendenciam a se tornar mais introspectivas, consequência do avanço tecnológico. O que se torna mais um obstáculo encontrado no ambiente escolar para práticas que utilizem o corpo, pois as crianças apresentavam maior resistência, algo que exige do docente dinamismo nas suas mediações.

Em algumas aplicações as crianças não queriam participar da atividade por “medo” do que estava por vir, o não querer trabalhar em dupla, principalmente quando eram duplas compostas por um menino e uma menina. Outro elemento que também foi observado foi com relação aos movimentos, pois os participantes demonstram receio em alguns movimentos, principalmente os meninos. Mas, que depois da orientação e apontamentos na mediação, foi possível extrair reações surpreendentes já que tiveram oportunidade de realizar ações e movimentos que não fossem “vetados”.

Depois de trabalhar o corpo na reprodução da primeira parte da atividade espelho (reflexo dos momentos da mediadora), quando o grupo foi trabalhar nas duplas os movimentos aconteceram de forma mais fluente, pois as crianças despertaram a confiança em si e o respeito com o outro.

Ao término da atividade as crianças estavam a trocar de pares, por si próprias, com intenção de ter o seu reflexo no corpo do colega.

Durante a realização da atividade “espelho” nos anos iniciais a ansiedade se tornou inevitável, por ter sido o momento que norteou o início da regência, o primeiro contato com a turma e por saber que os resultados obtidos norteariam a relação estagiária/turma.

O estágio é o local de vivenciar de fato a realidade que iremos encontrar nas escolas. Sendo assim, durante o estágio as expectativas de um planejamento eficaz foram alcançadas, à proporção que se dava a participação de todos os envolvidos, pois é

no campo que iremos nos deparar com diversos frente à prática docente. No entanto, a realização das atividades aconteceu de maneira tranquila e satisfatória, no qual o sentimento de motivação foi aguçado em mim, porque a cada movimento realizado e autonomia alcançada durante a proposta “espelho”, me fez almejar por práticas dinâmicas e participativas.

4.2.3 Atividade espelho e seu reflexo na EJA

No Estágio Supervisionado - EJA (2022) com uma turma de Ciclo II com aproximadamente 9 alunos de escola pública de João Pessoa, foi aplicada a atividade corporal “Espelho” foi planejada como forma de interação com a turma e trabalho com o corpo (algo reportado pela turma como uma dificuldade de manter assiduidade nas aulas).

A Atividade Espelho realizou o cronograma, roda de conversa sobre o corpo, e com observavam o seu corpo e como utilizavam, logo depois, a proposta de se movimentar. Os sujeitos foram dispostos de maneira aleatória na sala, na qual refletiram sobre o seu corpo e a linguagem nele encontrada e de como repercute, a exemplar pelo que foi relatado na conversa informal. Em seguida, simular o reflexo do espelho, a princípio pela mediadora e seguidos nas ações principalmente na sala dos movimentos simulando o reflexo do espelho em grupo (pela mediadora) e duplas (movimentos de livres escolha).

Na EJA, como já foi citada a atividade foi pensada como uma forma de conscientizar o quão nosso corpo “fala” e devido aos relatos obtidos durante a diagnose do estágio, a turma narrou que uma das dificuldades de ser assíduos nas aulas é o corpo não suportar o desgaste das atribuições diárias. Portanto, oportunizar que eles utilizassem os corpos de uma forma leve, foi recompensador, pois extravasaram o que antes não se permitiam.

Os sujeitos da EJA já carregam em sua “bagagem” as excludências da sociedade, na atividade percebi que os corpos se tratavam de corpos carentes de movimento e a ausência da dança para essa modalidade, por encontrar muitos dos preconceitos da sociedade falado anteriormente por Marques (2010).

A atividade foi recompensadora, por ser o primeiro contato com a EJA foi gratificante o resultado, pois a sala apresentou uma diversidade de corpos, algo que foi

possível perceber foi respeito com as limitações de cada um , o que passou confiança e ao término toda a turma “acordou” o corpo que estava adormecido e relataram o desejo de ter continuidade e acesso à Dança.

4.2.4 Atividade espelho e seu reflexo com as famílias

A atividade foi aplicada na culminância de um projeto e a proposta foi de que as crianças brincassem de espelho com seus familiares, para que os adultos pudessem perceber a importância da sua postura não só corporal, mas comportamental frente as crianças. A criança por si só já reproduz e já são reflexos dos adultos que as cercam, mas à medida que as famílias reproduziam seus movimentos, percebemos que as crianças “aproveitaram” a atividade para através da linguagem corporal “falar” o que verbalmente não seria possível. Nessa atividade, por exemplo, algumas crianças demonstraram emoção ao realizar atividade, devido à carência de momentos assim com as famílias e que naquele momento eram possíveis estavam como “centro das atenções”.

Os familiares ao início demonstraram desconforto, por se sentirem julgados, mas que ao iniciar e se permitir aproveitaram para “extravar”, o que tornou a atividade exitosa.

Como facilitadora da atividade o sentimento gerado foi de contentamento e surpresa no que se refere às expectativas, pois imaginei que a alegria iria dominar na execução da atividade, mas não contava que a insegurança demonstrada no início iria se transformar em emoção , algo que fez refletir a responsabilidade do nosso olhar nas atividades pensadas e de como podemos ampliar esse olhar quando temos respeito pelos corpos que moldamos.

4.2.5. Atividade espelho e seu reflexo no ensino superior

A atividade foi aplicada como prática de teorias do seminário com o tema Dança, no componente curricular Corpo, Ambiente e Educação, no qual o grupo planejou a atividade como prática da temática estudada. Na modalidade Ensino superior a atividade espelho exerceu um valor reflexivo, pois a intenção era a partir de sua aplicação promover debates e ampliar o olhar sobre a dança e o papel do docente da

modulação dos corpos .

Nessa atividade a turma estava disposta de maneira aleatória no grande círculo, disponibilizamos espelhos confeccionados de cartolina no qual a parte do reflexo representada à foto de corpos idealizados como “padrão” de beleza pela sociedade. Os cartões foram colocados nas cadeiras de maneira que a parte das figuras não fossem vistas (disposto para baixo).

No grande círculo, após a abordagem da temática foi lançado o questionamento sobre qual o corpo que dança? Qual o a corpo idealizado por você? E ao sinal a turma desvirou o espelho de cartolina com os modelos. O confronto com as ideias e ideais! Percebemos quão é forte o reflexo do padrão da sociedade, pois mesmo na formação acadêmica, no qual temos acesso à informação, foi visto que antes disso carregamos em nossas atitudes (mesmo que de forma imperceptível) almejos de padrões preestabelecidos, o que foi visto através das posturas dos corpos.

No outro momento, depois do “choque dos padrões” causados pelo espelho de papel, foi solicitado que a turma ficasse de pé para prática da atividade espelho (agora de maneira corporal), algumas luzes foram desligadas para que houvesse uma maior entrega da turma, mesmo assim, os corpos já demonstravam refletir sinais de momentos repetitivos ao puxar as roupas ou amarrar várias vezes o cabelo, como forma de “fugir” do que ali estava proposto, o corpo refletia o nervosismo em muitos dos participantes.

A dinâmica da atividade seguiu com a mesma proposta de reproduzir os movimentos de maneira livre e espontânea, nas duplas uma pessoa faz e outra reproduz, (depois inverte), e no grande grupo, no qual um mediador realiza o movimento para as outras pessoas que possam reproduzir.

Diante na aplicação e os resultados esperados, o que difere das demais aplicações da atividade espelho foi a forma positiva que a atividade alcançou, pois a participação foi unanime e todas as pessoas envolvidas com uma entrega realmente do seu corpo, até por serem adultos a mediação se tornou mais fácil, pela maturidade e consciência.

Foram vistos reflexos da limitação dos corpos algo imposto pela sociedade que ainda estão presentes na formação acadêmica, pois as falas: “ não sei dançar” ,”meu corpo não vai”, “estou enferrujada (termo que remete ao corpo parado por muito tempo)”, foram verbalizadas antes da atividade, até no próprio grupo de apresentação do seminário, mas durante a atividade do espelho foi possível constatar corpos se permitindo, livres, soltos e felizes. Pessoas que o fator tempo e oportunidade tinham lhe

tirado o prazer de sentir o seu corpo como seu, o sentimento de pertencimento e valorizados por ser reproduzido por outras pessoas.

Depois como participante mediadora do grupo realizei uma apresentação (solo) de improvisação para finalizar o seminário, por ser um corpo fora do padrão esperado da dança, funcionou para desmistificar o pensamento acerca do corpo e foi importante para exemplificar que todo corpo dança! Mesmo na contemporaneidade e com acesso ao conhecimento, é possível perceber quão forte são as influências do nosso envolvimento. Portanto, a importância de promover a continuidade ao pertencimento desses corpos, como já falado anteriormente que somos corpos dançantes, o que nos falta são oportunidades.

A atividade espelho no ensino superior foi contemplativa entre a teoria e prática. Desse modo, ampliou o olhar dos participantes sobre a importância da dança nas suas futuras atuações no espaço escolar.

Com a realização da atividade “Espelho” no nível superior, pude perceber que não importa o nível de escolaridade ou espaço no qual estamos inseridos, o nosso corpo irá carregar marcas de medo, insegurança, frustrações nas quais são apresentados de maneira igualitária. Portanto, os resultados aqui, superaram as expectativas, pois alcançar uma transformação nas ações sobre os corpos ali presentes através da motivação foi algo que fez com despertasse para mim e para os futuros corpos docentes um sentimento de esperança. Ali estavam mentes e corpos que iriam propagar o que foi planejado e pensado como forma de diminuir o “peso” do que lhe foi atribuído através do tempo e conscientizar de não reproduzir nos espaços nos quais daqui para frente estariam presentes e ativos.

A felicidade maior foi encontrar alguns corpos que foram “tocados” na atividade em outros momentos na universidade (ou para além dela), ouvir relatos que a atividade causou mudanças em sua vida pessoal e profissional só evidencia de quão é gratificante tornar a Dança esse instrumento transformador.

Com isso, a oportunidade de VIVER a atividade “Espelho” de forma gradual, assim como tudo acontece na pedagogia foi de grande valia para acompanhar as possibilidades de utilizar o corpo cada evolução, contribuição e desenvolvimento nos diversos níveis e modalidades de ensino (Educação infantil, anos iniciais, familiares de projeto, na EJA e no ensino superior). Cada etapa com sua particularidade, algo que se torna um grande desafio para todos nós educadores, o trabalhar a diversidade com a mesma atividade e manter o respeito pelo tempo de cada sujeito. Por exemplo, a

atividade “espelho” é uma atividade simples que foi aplicada com públicos distintos com o mesmo objetivo promover a dança de maneira “diferente” do que encontram, mas que a subjetividade por conseguinte traz novos sentimentos a cada espaço, corpo, movimento, evolução e grupos.

Outro elemento desafiador diz respeito ao tempo e rotina, pois muitos dos profissionais seguem um currículo e planejamento de atividades conteudistas, nas quais demandam tempo em atividades de escritas o que deixa o trabalho cada vez mais “engessado e robótico”. Elementos que associados à falta de capacitação e formação continuada se tornam em dificuldades para desenvolver atividades corporais, já que muitos dos docentes de pedagogia são corpos educados para não dançar, por pensar ser atribuições apenas aos professores de dança, artes e educação física.

Portanto, cabe a nós docentes ter a sensibilidade de olhar para os corpos que estão ao nosso entorno que “clamam” por movimentação. Como define Rocha; Buarque (2020, p.77), “que conhecer a história na qual atuamos nos ajuda a problematizar questões, compreender caminhos e propor mudanças”. Afinal, na educação infantil eles se divertem! Nos anos iniciais se permitem! NA EJA extravasam! No ensino superior refletem!

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho permitiu observar a importância da dança na escola, bem como refletir sobre como se dá sua presença ou ausência na escola e assim analisar o corpo como linguagem, compreendendo a partir das experiências vivenciadas durante a formação e de como podem reverberar ao longo da vida.

Ao longo da construção do trabalho, como pesquisadora e apreciadora de tudo que permeia o corpo, pude voltar no tempo de forma a comparar as distintas situações e corpos encontrados antes e durante a pesquisa, pois com a junção de todo o conhecimento adquirido nas leituras, na observação e na prática dos estágios. A partir das referências já pertencente no meu corpo, foi possível realizar releituras do espaço escola, agora como futura docente em pedagogia e foi notório a ambivalência da presença e ausência da dança na escola.

A simples experiência na prática da atividade corporal “Espelho”, frente aos a comunidade escolar, trouxe muitos subsídios para afirmar que tanto na ausência como a presença da dança encontramos implicações da nossa sociedade, no que diz respeito ao controle de corpos. Desse modo, a dança quando apresentada de forma presente à dança controla os corpos com intencionalidade reprodutiva ou recreativa (com atributos já previstos), o que limita dos participantes a autonomia e criatividade. Em outro contexto (ausência), o controle de corpos é relacionado à omissão na oportunidade de oferecer e potencializar o desenvolvimento.

Identificamos o quanto a dança não é empregada com sua totalidade na sala de aula, sobretudo ao se pensar na sua utilização na prática pedagógica e ou de forma interdisciplinar. No que diz respeito à Dança nas modalidades de ensino (Educação Infantil, Anos Iniciais, EJA e Ensino superior) percebemos nos campos de estágios que a sua aparição apresenta menor regularidade no que há um avanço dos níveis de escolaridade. Na educação infantil encontramos a dança nas representações de cantigas e brincadeiras de roda e festividades escolares, nos anos iniciais apresenta de maneira tímida nas datas comemorativas, na EJA a dança é invisibilizada e no ensino superior a apresentação de forma teórica distancia o praticar o corpo para novas experiências.

Deixo aqui minhas considerações como pesquisadora e corpo dançante. Como pesquisadora na realidade escolar, percebi que a dança está inserida na escola de forma retraída e como já falado limitada como nas datas comemorativas. Sabemos que para a dança na participação dos eventos da escola também tem sua importância, pois

interferem na socialização e interação escola-família, mas é algo que não podemos deixar se faça apenas nesses momentos, pois é necessário enfatizar que a dança deve ser levada à sala de aula no contexto de atividades que sejam pensadas de forma que faça a comunidade escolar refletir sobre sua contribuição no desenvolvimento pleno dos educandos.

Por isso, é imprescindível que tenhamos o nosso corpo como instrumento e recurso que assume a função de uma “ponte” que liga às aprendizagens significativas, assim como foi percebido na realização da atividade “espelho”. Sabemos que a escola tem o papel de tornar possível ações que possibilitem a formação e construção de indivíduos críticos, reflexivos e atuantes na sociedade. Assim, o corpo se torna agente ativo nessa formação, tomamos como exemplo o meu próprio testemunho, as diversas contribuições que tive da educação através da dança e que permaneceram como base na minha formação.

Enfim, podemos concluir dizendo que a Dança é um instrumento facilitador de aprendizagens, e sua presença se torna de suma importância, ela quando inserida nos planejamentos escolares potencializa o bem estar, autoestima, autoconhecimento. Logo, seja de maneira individual ou colaborativa, a Dança potencializa o desenvolvimento de habilidades proporcionam a criatividade e desperta os sentimentos de prazer, alegria, afetividade, motivação.

Desse modo, as escolas devem promover a Dança em sua totalidade (expressão, sentimentos e conhecimento), pois suas contribuições irão reverberar ao longo da vida, no aspecto pessoal, social e profissional.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é Cultura Popular**. 14^a Edição. São Paulo. Editora Brasiliense, 1998. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KUUXSxtcIWM> Acesso em: maio de 2022.

AZEVEDO Maria Fernanda Silva. **Dança enquanto prática artística inclusiva: cruzando fronteiras**. In: VIEIRA, Marcilio de Souza, **Dança em múltiplos conceitos educacionais** / Marcilio de Sousa Vieira; Lenira Peral Rengel; Larissa Kelly de Oliveira Marques; Amanda da Sila Pinto, organizadores.- Salvador/; ANDA, 2020.(Coleção Quais danças estão por vir? Trânsitos, poéticas e políticas do corpo,3).

BORGES, Luciane Sarmento Pugliese. **Ensino da dança para crianças** / Luciane Pugliese, Beatriz Adeodato Alves de Souza, Giovana Zen. - Salvador: UFBA, Escola de Dança; Superintendência de Educação a Distancia, 2018.

CAVALCANTE Janahina dos Santos. **Ensino de dança para/com crianças é brincadeira?** In: VIEIRA, Marcilio de Souza, **Dança em múltiplos conceitos educacionais** / Marcilio de Sousa Vieira; Lenira Peral Rengel; Larissa Kelly de Oliveira Marques; Amanda da Sila Pinto, organizadores. - Salvador/; ANDA, 2020. (Coleção Quais danças estão por vir? Trânsitos, poéticas e políticas do corpo,3).

JUNQUEIRA, Luiza. **Como aprendi a dançar**. Youtube, 22 de ago. de 2019. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=KUUXSxtcIWM> >. Acesso em: junho de 2022.

LE BRETON, David, 1953- **A sociologia do corpo** / David Lê Breton; 2. ed. tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MARQUES, Isabel A. **Ensino de dança hoje** : textos e contextos.5. Ed. - São Paulo : Cortez, 2008.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola**- 5.ed.- São Paulo: Cortez, 2010.

ROCHA Bruna Garcia de Oliveira, BUARQUE Isabela Maria A. G. **Dança e Educação não formal: o ensino de história da dança nas academias profissionalizantes do Rio de Janeiro**. In: VIEIRA, Marcilio de Souza, **Dança em múltiplos conceitos educacionais** / Marcilio de Sousa Vieira; Lenira Peral Rengel; Larissa Kelly de Oliveira Marques; Amanda da Sila Pinto, organizadores.- Salvador/; ANDA, 2020.- 324p.- (Coleção Quais danças estão por vir? Trânsitos, poéticas e políticas do corpo,3).

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C.F.; LUCIO, M.P.B. Início do processo qualitativo: formulação do problema, revisão da literatura, surgimento das hipóteses e imersão no campo . In: SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C.F.; LUCIO, M.P.B. **Metodologia de Pesquisa**. Porto Alegre: Penso. 2013. p. 374-81.

SALES Roberto Lima. **Saberes sensíveis em movimentos dançantes: a formação do eu-corpo na interação escola-comunidade**. . In: VIEIRA, Marcilio de Souza, **Dança em múltiplos conceitos educacionais** / Marcilio de Sousa Vieira; Lenira Peral Rengel; Larissa Kelly de Oliveira Marques; Amanda da Sila Pinto, organizadores.- Salvador/;

ANDA,2020.- 324p.-(Coleção Quais danças estão por vir? Trânsitos, poéticas e políticas do corpo,3).

SOUZA, Elizeu Clementino de. **(Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação**. In: NASCIMENTO, A. D.; HETKOWSKI, T. M. (Org.). **Memória e formação de professores**. (online). Salvador: EDUFBA, 2007. 310p. ISBN 978-85-232-0484-6. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: Maio, 2022.

VAN LANGENDONCK, Rosana. História da Dança. 200? Disponível em: [https://unigra.com.br/ler/89 HISTORIA-DA-DANCA](https://unigra.com.br/ler/89-HISTORIA-DA-DANCA) Acesso em: maio de 2022.

VARANDA, Sidinei Barbosa. **Corpos e expressão em movimento. A dança e a educação**. Linguagem Acadêmica, Batatais, v. 2, n. 1, p. 121-145, jan./jun. 2012..

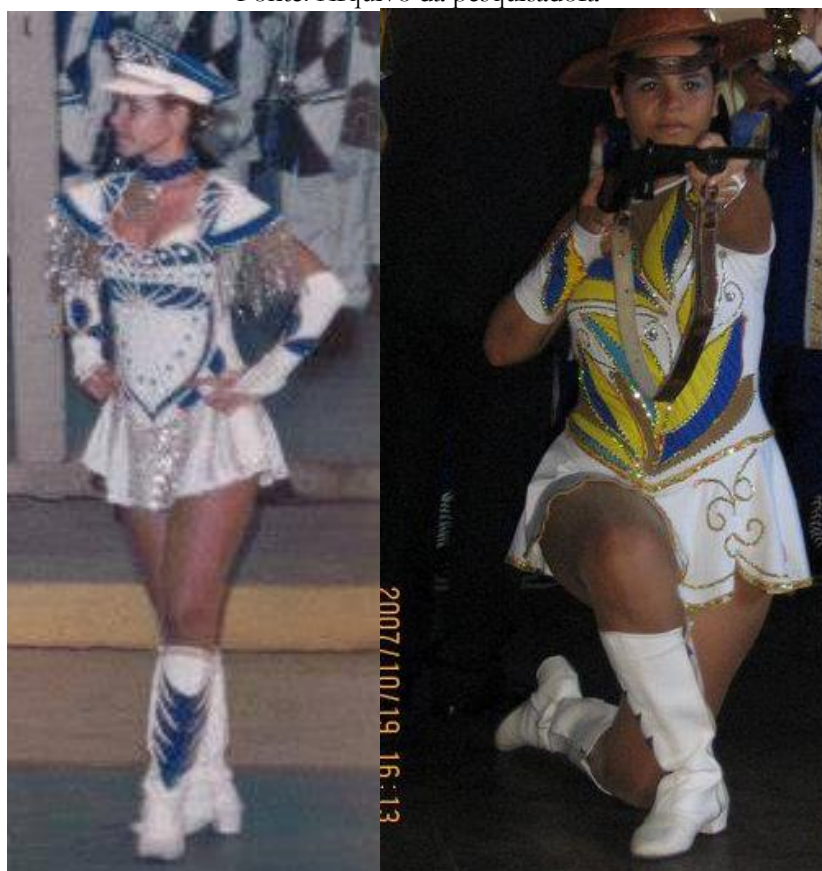
ZANCHET Beatriz, GONÇALVES Diego. **Dança e escrita corporal: uma relação importante nas aulas de educação física do pré escolar II**. In: VIEIRA, Marcilio de Souza, **Dança em múltiplos conceitos educacionais** / Marcilio de Sousa Vieira; Lenira Peral Rengel; Larissa Kelly de Oliveira Marques; Amanda da Sila Pinto, organizadores.- Salvador/; ANDA, 2020.(Coleção Quais danças estão por vir? Trânsitos, poéticas e políticas do corpo,3).

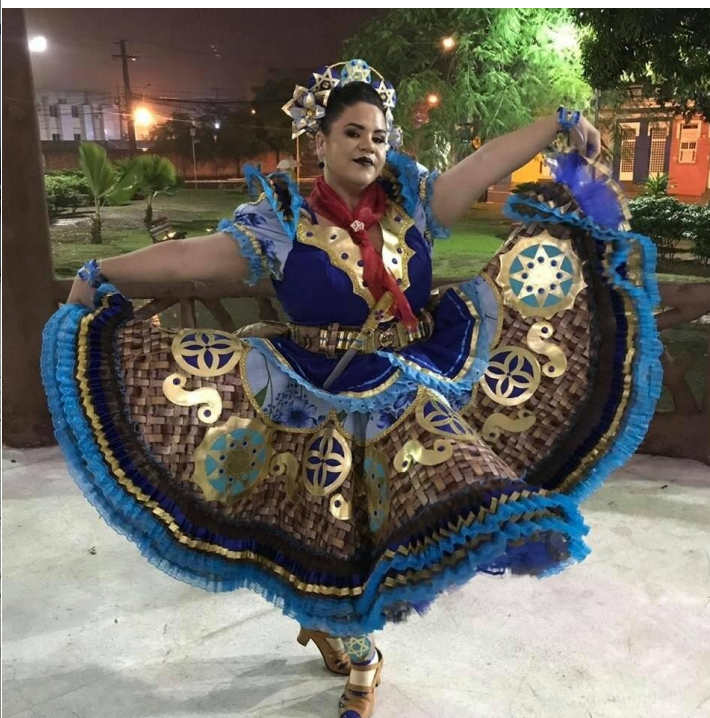
APÊNDICES

CAIXINHA DE MEMÓRIAS DE UM CORPO DANÇANTE



Construção do corpo dançante
Fonte: Arquivo da pesquisadora

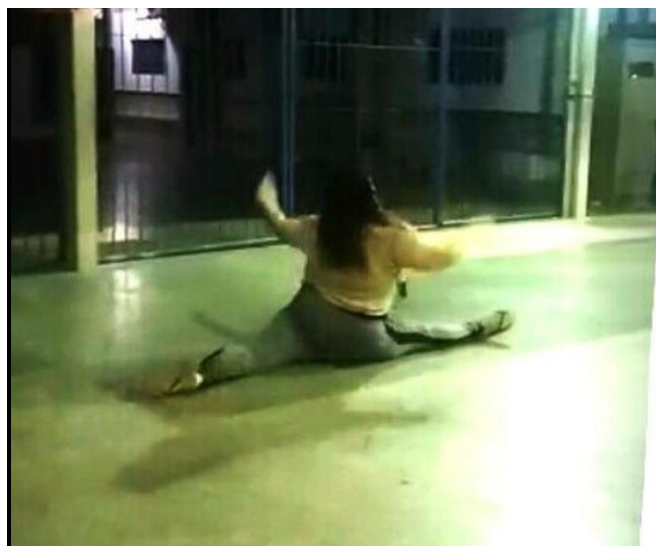




DIVERSIDADE DE UM CORPO DANÇANTE

Fonte : arquivo da pesquisadora





Docente de corpo dançantes!
Fonte: arquivo da pesquisadora

